



ANO IV - Julho-Agosto de 1975 — N.º 73
BIMESTRAL (1.º Domingo) — AVENÇA

Director e Prop.: P.º M. Baptista de Sousa - Telef. 89291
Administração: Residência Paroquial - Esposende

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. CAMOES - Póvoa do Varzim

É INJUSTO, É MENTIRA!

Fala-se hoje muito numa Igreja comprometida com o fascismo, com os monopólios, com o capitalismo.

Uma igreja que nada (vejam) fez pelo progresso dos povos, pela libertação dos oprimidos, pela igualdade de oportunidades, para todos, pela justiça social, pela promoção da classe operária, etc., etc ... Assim. De chapa. Com tese assente e verdade evidente. Não há exceções. (...) Ao ouvir acusar tão genericamente (sempre a tomar a parte pelo todo) a Igreja, os sacerdotes e os cristãos como parasitas e exploradores dos pobres, não posso deixar de gritar bem alto que assim é mentira, é injusto.

E penso em tantos e tantos milhares, milhões de homens e mulheres que, impelidos pelo Evangelho de Jesus, se espalharam por todos os cantos do mundo, ignorados da grande imprensa e das reportagens televisivas, esquecidos de si mesmos, das suas famílias, da sua terra e das suas coisas, para tudo darem pelos outros: a sua vida, os seus cursos, o seu sofrimento e a sua morte.

Os missionários — «uns colonialistas inúteis»?
Que estupidez e que injustiça!

Então não sabem «esses senhores» que, ainda hoje, é a Igreja missionária que está na vanguarda do desenvolvimento desinteressado dos povos do Terceiro Mundo?

Não foram os missionários que, em muitos casos, desbravaram os terrenos, fizeram explorações de águas e caminhos, que escreveram as primeiras gramáticas e os primeiros dicionários das línguas nativas, que desenvolveram a agricultura, que ensinaram matemática, astrologia, botânica, geografia? Não está a Igreja missionária na vanguarda da assistência hospitalar? Mais de mil hospitais que são dirigidos e financiados pelos missionários, sem falar em postos médicos, maternidades, enfermarias, centros de assistência ...; e juntar mais sete mil orfanatos, três mil

hospedarias para idosos, cento e vinte e sete leprosas (lembre-se o P. Damião e Molokai!), etc., etc. ... Incalculável também o contributo material oferecido para o desenvolvimento técnico e agrícola, construção de pontes, estradas, aldeias ...

Enfim, ignorar, mal-querer, é criminoso; generalizar é sempre injustiça; calar, por não saber a verdade, é ser-se incompleto; mas calar, por sabê-la, é nestes casos diabólico.

ARTUR DE MATOS em «Boa Nova»

Momento presente

Foi recentemente publicada uma Nota Pastoral dos Bispos portugueses da qual destacamos os pontos seguintes:

— Os meios de informação (jornais, rádio e Televisão, etc.) impõem uma ideologia que os portugueses não querem.

— Sentem o problema dos sanamentos selvagens, por pura vingança, à margem das autoridades, etc.

— Grupos arrogam-se numa autoridade que se substitui e opõe à do Estado num desfazer anárquico de estruturas e instituições. Daqui um clima de insegurança pessoal, de intimidação e de inquietação sobre o futuro.

(Uma das razões que, depois do 25 de Abril, levou para o Brasil 70 000 portugueses, entre os quais 40 000 são técnicos).

— Salienta o escândalo de prisões arbitrárias, baseadas em denúncias gratuitas e indefinidamente prolongadas sem organização de processo.

— Mencionava a progressiva infiltração nos programas escolares de ideologias materialistas e ateias; as dificuldades levantadas à existência do ensino livre, tornando-o impossível, etc.

— Denuncia o desaforo da imoralidade pública e a corrupção dos costumes entre os jovens e no próprio ambiente das escolas.

Movimento Religioso

JUNHO E JULHO

BAPTISMOS

22 de Junho — Paulo Jorge Torres da Lapa, filho de Manuel da Lapa e de Maria do Céu Vieira Torres, residentes na Travessa do Nogueira.

29 — Sara Filipa Losa de Oliveira Romão de Castro, filha de Dr. Baltazar Manuel Romão de Castro e da Dr^a D. Maria Antonieta Losa de Oliveira, residentes na Avenida Arantes e Oliveira

6 de Julho — Paulo Jorge Fernandes de Barros, filho de Paulo Lima de Barros e de Maria Arminda Fernandes Portela, residentes na rua António Pascoal.

13 — Maria José Barros da Cruz, filha de José Viana da Cruz e de Maria da Conceição Lima de Barros, residentes na rua António de Abreu.

CASAMENTOS

7 de Junho — Manuel Baltazar Regado, filho de Manuel Gonçalves Regado e de Miquelina Barbosa Baltasar, com Ana Clara Fernandes Mesquita da Costa, de Meadela — Viana do Castelo.

19 — António Carvalho da Silva, de Terroso — Póvoa de Varzim, com Maria de Fátima Giesteira Machado, da Póvoa de Varzim.

20 de Julho — Alfredo Lima de Barros, filho de Alfredo Jorge de Barros e de Joaquina de Barros Lima, com Maria Filomena Coutinho de Sá, filha de Delfino Gonçalves de Sá e de Maria dos Anjos Rodrigues Coutinho.

26 — Manuel Augusto da Silva Sá Ribeiro, de Fão, com Maria Júlia Brás Vila Chã, de Mourinhos.

26 — António Rogério Lemos Afonso, filho de Rogério Eiras Afonso e de Maria Alvarina de Lemos, com Maria Vitória Lima Miquelino, filha de Emília Alves Miquelino e de Rosa de Barros Lima.

27 — Lucindo Alberto dos Santos Ferreira, filho de João da Costa Ferreira e de Rosa Gomes dos Santos, com Maria José de Sousa Nunes da Silva, filha de Manuel Cerqueira Nunes da Silva e de Maria Eduarda de Sousa.

A todos apresentamos sinceros votos de felicidades.

ÓBITOS

11 de Julho — Leonel da Silva Loureiro, de 62 anos de idade, marítimo, casado com Elisa Rodrigues de Azevedo, natural de Esposende, onde residia na rua de São João.

13 — José Alberto de Sousa e Silva, de 58 anos de idade, guarda fiscal reformado, casado com Rosalina Barbosa Guerra, natural da foz do Douro e residente nesta vila, na rua Barão de Esposende.

As respectivas famílias apresentamos sentidos pêsames.

Noticiário

— No dia 29 de Junho, na Capela de S. Lourenço, em Vila chã, a jovem esposendense Rosa Maria de Barros Zão, filha de António Martins Zão e de Rosa Gomes Pereira de Barros, contraiu matrimónio com Manuel Lopes Boaventura, de Vila Chã, filho de Anselmo Joaquim Boaventura e de Maria da Silva Lopes.

Felicidades.

— No dia 24 de Junho, no meio da maior alegria e devoção o casal esposendense João Baptista da Silva e esposa D. Maria Galdina da Silva celebrou as suas bodas de ouro matrimoniais. A cerimónia religiosa teve lugar na nossa Igreja Matriz com a participação de todos os familiares.

Muito gratos por tudo e felicidades.

— Depois de se terem realizado as festas de São João prepararam-se cuidadosamente as festas da Vila, em honra de N. Senhora da Saúde e Soledade.

Os nossos benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

10\$00 — Mário Casais

7\$50 — Maria Helena do Rosário Cardoso e Maria Laura Carneiro de Melo.

5\$00 — D. Olímpia Viana, Maria da Soledade Vieira Loureiro, Abílio da Silva Teixeira, Samuel Vieira dos Santos, José Ferreira Laranjeira.

Sem tempo determinado ofereceram:

300\$00 — D. Fernanda Sampaio (Lisboa)

150\$00 — António da Silva Azevedo (Rio Tinto)

100\$00 — José Arménio Rosa.

50\$00 — Maria da Graça Barros Pires (Brasil) e Manuel Figueiredo.

20\$00 — Mário Marques Henriques.

A todos muito obrigado.

O assalto à Rádio Renascença

Um comunicado do Conselho de Gerência da R. Renascença, com data de 2 de Junho, depois de relatar os factos que se vem desenvolvendo desde Maio naquela emissora católica conclue: «Estamos perante uma ofensiva clara de retirar à Igreja a possibilidade de fazer chegar a sua voz aos mais diferentes sectores da população portuguesa».

BALANÇO

(Continuado da pág. 4)

em grupos reprovados pela Igreja, como o caso dos «cristãos pelo Socialismo» e outros ditos «da Paz Cristã»;

— militares inclusive a cometerem «gafes» colossais, repetindo ditos anti-clericalis de Mussolini (!), lendo na Bíblia o que lá não está, atribuindo a bispos frases inexistentes, chamando boneco às eleições, etc. Talvez fruto da inexperiência como dizia um oficial de alta patente;

— o ridículo de grupos «espontâneos», montados em sessões de esclarecimento para repetirem slogans à falta de argumento;

— a outra tentativa, lançada entre os novos, cheios de idealismo (e entre alguns menos novos e com menos idealismo), de inventar um Comunismo Católico, originalidade que faria rir quer os autênticos chefes comunistas, como Lenine e G. Marchais, quer os verdadeiros católicos como João XXIII e o P.e Abel Varzim, que deixaram bem claro o que já viam nesse «casamento»! Tal originalidade merece o carimbo de «fabricado em Portugal»;

— a polémica da lei sindical a terminar numa unicidade, depois de um esclarecimento dos Bispos e de uma intervenção do M. F. A.;

— a tendência monopolista (quando se luta contra os monopólios) progressivamente revelada no sector da informação;

Estes são alguns casos dolorosos salientes que ultimamente se vêm agudizando

Então foi tudo mau? — Evidentemente que não. Uma coisa é a festa, outra são os foguetes. E se estes ameaçam sempre toldar o horizonte e estoirar nas mãos de alguns, resta fazer um esforço para que vejamos o resto da festa e procurar que tais foguetes não calam, por acaso, sempre na mesma direcção ...

Apontemos alguns rumos positivos:

— a progressiva autonomia dos povos do Ultramar. Há muito que a igreja vinha insistindo neste ponto. No Natal de 1955 dizia Pio XII «de qualquer modo que não seja negada a estes povos uma liberdade política, justa, progressiva e não se levantem obstáculos a isso». Falaria do mesmo modo em 21-4-57, João XXIII em 5-6-1960, e Paulo VI no Natal de 1963, ao Corpo Diplomático em 7-1-1965, ao Parlamento do Uganda em 31-7-1969, e na independência da ilha Maurícia em 1-5-1968. Muitos não quiseram ouvir esta voz, mas os factos deram-lhe realização;

— a tentativa de maior justiça social. Os desequilíbrios eram (e são?) um facto entre nós, facto que muitas vezes a Igreja condenou. «Pertence à auto-

ridade pública impedir que se abuse da propriedade privada contra o bem comum... Portanto, são necessárias reformas e distribuir as propriedades insufficientemente cultivadas por aqueles que as possam tornar rendosas... Contudo sempre que o bem comum exija a exposição, deve avallar-se, segundo a equidade, a indemnização, tendo-se em conta todas as circunstâncias — G. S. 71.

— o dinamismo e a participação política de todos os cidadãos. «Reconheçam-se, respeitem-se e promovam-se os direitos de todos os indivíduos, famílias e grupos, assim como o exercício dos mesmos, juntamente com os deveres cívicos, que obrigam todos os cidadãos... De qualquer modo é desumano que o Governo assumia formas totalitárias ou ditatoriais que lesam gravemente o direito das pessoas ou dos grupos sociais» — Gaudium et Spes, n.º 75.

— as relações internacionais com todos os povos: «Os cristãos colaborarão de bom grado e generosamente na construção da ordem internacional, a qual deve fazer-se num respeito sincero das liberdades legítimas e na fraternidade amiga de todos» — G. et S. 88.

Em síntese: lutou-se contra o monopólio do poder, contra o monopólio económico, contra o monopólio da informação, contra um certo monopólio do ensino. Deseja-se instaurar a democracia política, económica e cultural.

Estejamos atentos e não regateemos a nossa colaboração. Evitar-se-á deste modo a ameaça típica das sociedades despolitizadas: baloiçar de um extremo ao outro e passar dos monopólios particulares ao monopólio estatal, ambos condenados pelo espírito cristão, como se vê nos textos supra citados. É que destruir é mais fácil que construir.

Há ainda um outro perigo nas revoluções modernas: sujeitar tudo à economia, «de tal forma que a vida pessoal e social está embebida de um certo «economismo, e isto tanto em nações favoráveis à economia colectivista como noutras» — G. et S. 63. Os bispos do Chile, da França, e de toda a América Latina dizem claramente que essa tendência do economismo está presente no capitalismo e no marxismo, o que os torna a ambos opostos ao cristianismo. É preciso compreender bem isto. Por essa razão, o dilema ou Capitalismo ou Marxismo não é verdadeiro. Há mais opções.

Aí ficam um balanço simples e os textos cristãos auxiliares. Nem me digam que isto não é connosco. Regulo-me pela doutrina católica que, no dizer de João XXIII, «tem uma doutrina social e tem a obrigação de a ensinar». E a democracia, dizem os Bispos, exige «uma capacidade de pensar, de ter opiniões, e de as exprimir e defender». O leitor faça a sua reflexão baseando-se em textos cristãos. E aprenderá a ser cristão de hoje.

Adaptação de «Mensageiro de S. José»

BALANÇO

Quando era rapaz, vi muitas vezes os trabalhadores dos campos pararem a meio das vessadas para fazerem o balanço do trabalho já feito e do trabalho a fazer.

Depois disso, presenciei também o gesto de os pintores e outros artistas se afastarem das suas obras para, à distância, observarem o conjunto da sua obra.

É, afinal, o que recomendava Eça de Queirós: «As coisas não devem ser observadas nem demasiado ao perto nem demasiado ao longe». Perderiam a perspectiva. Há uma distância própria para a observação.

Baseados nesta sabedoria dos povos, vamos olhar para a Revolução Portuguesa com os olhos da Fé, como recomendou Jesus: «Tomai cuidado que ninguém vos engane. Vigiai».

Compararei a Revolução a um comboio em marcha, em que uns embarcavam de qualquer modo, outros teimavam fazê-la parar e outros procuravam escolher a cor da carruagem. Os meses seguintes vieram confirmar a verdade desse esquema: à medida que o comboio da Revolução avançava foi-se clareando uma série de enigmas, Apareceu «vermelho» onde parecia cinzento, e houve «verdes» vestidos de encarnado. Apetece citar o Evangelho: o pai de família semeou o trigo mas, de noite, o inimigo semeou o joio. Apontemos alguns sintomas.

— a chamada lei do pêndulo — ir de um extremo para outro — verificou-se um pouco por toda a parte: ao nível de leigos, ao nível de padres, ao nível social e político;

— Nas classes sociais surgiu o grudo dos oportunistas — patrões e operários — a defenderem os seus interesses económicos; uns a não perderem situações, outros a aproveitarem a maré — «Os interesses pessoais e partidários acima dos nacionais», exactamente ao contrário do que diz a Gaudium et Spes. n.º 75, que citarei muitas vezes;;; ;

— no espectáculo do cinema o mesmo oportunismo: as empresas aproveitam a liberalização da lei para despejarem nas salas quanta porcaria havia lá fora, enchendo os bolsos; os cidadãos (ditos cristãos) andam à caça do mais baixo. Há quem ponha neste fenómeno acima outra intenção: desmantelar, pela pornografia, a resistência moral do povo, tornando-o presa fácil de lavagens cerebrais e sociais.

— no teatro verifica-se algo curioso. Os temas preferidos «antigamente» para o teatro popular eram a piada política, o sexo e anti-clericalismo. Após o 25 de Abril certa piada política está quase gasta, a pornografia teatral é inferior à do cinema. Que resta aos artistas? — Fica o anti-clericalismo «não oficial».

— no mercado livreiro a tecla não é muito dife-

rente. Quantas toneladas de papel sujo se não terão vendido? E de marxismo «à la minute»?

— velo ainda ao de cima uma série de complexos de toda a ordem (sem enfileirar com Marcuse): gente que nunca deu nada a ninguém, nem em gestos nem em dinheiro nem em serviços profissionais, monopoliza para si o título de democrata e de amigo do povo e toca a bater o arrependimento no peito dos outros e a condecorarem-se uns aos outros com sorrisos e palmadinhas de parabéns; gente dita católica e praticante exteriorizando um azedume interior revelando uma alma irredenta, isto é, um íntimo onde não chegou a água e o espírito baptismal, como diz o Bispo do Porto; famílias católicas, envergonhadas das suas tradições, libertarem-se das práticas religiosas familiares, das aulas de catequeses, de formação cristã em Colégios, Escolas e Liceus, jovens sensatos amigos do padre desconfiados agora de tudo, alcinhando-os agora disto e daquilo; casais a saudarem a lei do divórcio como libertadora do casamento;

— o jeitinho em meter o nome de Fátima ou uma mitra de bispo quando na Rádio ou TV se fala de alienação;

— a usurpação, com luva branca e gestos democráticos, dos meios de comunicação social de inspiração cristã, desde boletins paroquiais até Revistas. O caso mais escandaloso é o da Rádio Renascença. Que habilidade aquela em conduzir a manobra! Seria esse o plano já traçado quando ela tomou parte no 25 de Abril?

— Os chavões ou frases feitas a usar na falta de ideias claras: reaccionário, fascista, progressista, amplas liberdades democráticas;

— a campanha real contra a Igreja, à sombra da inexistência jurídica de tal perseguição. Que o digam o Bispo do Funchal, vítima de um interrogatório «chinês» segundo as suas próprias palavras; o Arcebispo de Braga, o Bispo de Portalegre. o Bispo de Coimbra que teve de animar os seus padres lembrando-lhes que não obedecessem a quaisquer comissões; o Bispo de Bragança, o Patriarca de Lisboa a quem lançaram «cascas de laranja», e até o Bispo do Porto cuja análise corajosa da nossa sociedade desgostam certos admiradores de antanho. Dos padres, do Norte ao Sul, nem se fala.

— a tentativa habilidosa de ocupar Seminários e Colégios Católicos (Funchal, Almada, Proença-a-Nova, Monção, Faculdade de Filosofia de Braga), repetindo sempre a mesma tática: reuniões «gerais», o bem do «povo», o progresso das ideias, a democracia, a liberdade..., telefonemas e telegramas forjados, etc.;

— padres e leigos acusando colegas de fazerem política em nome da Fé, e eles por sua vez, militando